

**EXPOSIÇÃO  
COLETIVA  
DE IDEIAS**

**COMO  
RESISTIR  
NO MUNDO  
DE HOJE?**

**EXPOSIÇÃO  
COLETIVA  
DE IDEIAS**

**COMO  
RESISTIR  
NO MUNDO  
DE HOJE?**

## **FÓRUM SOCIAL MUNDIAL**

Março de 2018

Galeria Cañizares - EBA/UFBA

Canela, Salvador (BA)

## **FLUXOS VISUAIS**

Julho e agosto de 2018

Sala Contemporânea - Palacete das Artes

Graça, Salvador (BA)

# SUMÁRIO

- 05** EXPOSIÇÃO COLETIVA DE IDEIAS  
Bem Comum
- 09** COMO RESISTIR? COMECE JUNTANDO IDEIAS!  
Solange Valladão
- 13** ARTE PARA QUE?  
Ines Linke
- 17** A PARTILHA DOS ABACATES  
Gustavo Salgado Leal
- 21** EXPERIMENTOS EM COMUM  
Bruna Moreno, Cristina Llanos  
Felipe Rezende, Ines Linke, Thays Lima
- 25** DOSSIÊ DE IMAGENS SELECIONADAS
- 39** ARTISTAS PARTICIPANTES

# EXPOSIÇÃO COLETIVA DE IDEIAS

Bem Comum



Criamos imagens para afirmar e (re)pensar nosso lugar no mundo, para transmitir emoções e ideias. Criamos arte para informar, negociar e/ou transformar as percepções e experiências do mundo. As diversas funções da arte se expressam pelas mais diferentes abordagens dos artistas. Por um lado, eles/as procuram estabelecer um estar em comum, uma determinada ordem a partir da qual podemos negociar opiniões, tornar visível e socializar valores, influenciando as maneiras de viver e concebendo uma noção de realidade. Por outro lado, seus objetos e processos também podem empenhar a função de opor-se a um sentido de realidade, questionar valores coletivos, criticar uma suposta ordem, reivindicar outras narrativas e buscar lugares que não existem. Estabelece-se um tipo de jogo dialético entre essas distintas funções.

Destacamos a importância da coexistência, interação e interdependência das diversas abordagens, que consideramos condição fundamental para a realização da Exposição Coletiva de Ideias. A exibição, idealizada pelo grupo Bem Comum da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, buscou criar um laboratório de ideias e lugar de reflexão sobre as diversas abordagens em um ambiente de discussão e convivência. No primeiro momento, para reunir os trabalhos, foi criada uma convocatória aberta, na qual convidamos pessoas para inscrever suas ideias a partir da pergunta “ Como resistir no mundo de hoje?”. Criamos um formulário simples para receber e gerir as submissões no intuito de desburocratizar o processo de inscrição ao máximo e de permitir a participação do maior número de pessoas. Num segundo momento, imprimimos todos os arquivos recebidos em formato A4, procurando desenfaturar o estatuto do objeto artístico dos trabalhos submetidos e destacar seu caráter de ideia. Utilizamos a Internet para lançar a pergunta, divulgar a exposição coletiva de ideias, compilar as imagens; trabalhando a partir da infraestrutura existente e os materiais disponíveis na Escola de Bela Artes da Universidade Federal da Bahia para realizar uma exposição com zero orçamento utilizando papéis coloridos e impressoras disponíveis para (re)produzir as imagens.

As maneiras de produzir, divulgar e consumir arte e suas transformações se inscrevem em uma longa história que passa pela ideia da autonomia da obra de arte que transcende seu contexto, a discussão da reproduzibilidade técnica das imagens, a desmaterialização da arte conceitual, a dependência social e espacial, aos discursos críticos relacionados ao sistema de arte, entre muitos outros. Enquanto a fotografia tornou as imagens mais acessíveis devido às técnicas de reprodução que surgem no século XIX, a proliferação das câmeras e dos meios de comunicação depois dos anos 1950 aumentou o número de pessoas que produzem imagens e uma vertente da arte conceitual enfatizou a ideia de arte em detrimento do objeto. Embora essas discussões sejam antigas, percebemos o constante reflexo sobre estratégias e desdobramentos da produção artística. Nos seus trabalhos, as pessoas se posicionam em relação à história da arte pela repetição de estratégias, a citação de trabalhos anteriores e a incorporação de tecnologias que reinventam os processos como a máquina de Xerox, o fax, o telefone, o computador, o celular.

Os computadores e a Internet trouxeram novas possibilidades de articulação como consequência das rápidas transformações dos fluxos de informação a partir da segunda metade do século XX. Nas últimas décadas, surgiram plataformas que permitem a geração de redes sociais, situações comunicacionais mais participativas, instâncias de visibilidades menos homogeneizadas, fluxos multidirecionais que operam em diversas escalas. Em alguns casos, também as instituições de arte, como museus e

galerias, se tornaram, menos excludentes, mais abertas, buscando evidenciar tendências democratizadoras e inclusivas onde a experiência e a sabedoria da multidão são vistas como guias, e a diferença é valorizada pela sua capacidade de checar e/ou questionar crenças difundidas num determinado cronotopo. Como dar ouvido aos diferentes narrativas? Quem são os artistas? Como produzir e difundir arte em tempos da Internet? Qual o alcance de um chamada de participação na World Wide Web de um espaço expositivo em Salvador Bahia?

Partimos de algumas dessas perguntas para elaborar a chamada para a “Exposição Coletiva de ideias - Como resistir no mundo de hoje?”, divulgada por meio de uma página e de relações interpessoais em fevereiro de 2018. Recebemos respostas de pessoas da Espanha, Alemanha, Togo, Colômbia, Guiné, Argentina, Bósnia, Hungria, Turquia, Bélgica, Áustria, Itália, Grécia, Equador, Portugal, Canadá, Chile, Zâmbia, Malawi e Brasil, mostrando as possibilidades dadas pela expansão da Internet e pelo contexto do Fórum Social Mundial - FSM 2018. As 600 submissões que recebemos em resposta a chamada foram impressas em formato A4 em duas vias em papéis coloridos. Uma cópia foi colada nas paredes internas da Galeria Cañizares (espaço expositivo que faz parte da Escola de Belas Artes) e, a outra, nos muros externos, no entorno da Galeria.

Com a exposição das impressões das imagens nos espaços internos e externos da Escola transformamos as paredes e os muros dos diferentes ambientes em um grande mural coletivo. Compilamos e adensamos as diversas respostas durante o Fórum. Compartilhando as ideias, conteúdos e informações com os visitantes e transeuntes, criamos uma situação de laboratório, um ambiente de encontro, em que se buscou estimular processos criativos-críticos-comparativos-relacionais. A exposição foi acompanhada por encontros e workshops diários, onde discutimos as distintas abordagens e criamos processos diversos que visaram incentivar o espectador/visitante a formular sua próprias respostas, posicionar-se em relação às propostas expostas, trocar suas ideias e articular suas ações em coletivo. Instauramos um espaço participativo, espaço plural e diversificado, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras, caracterizado pelas relações de igualdade. Um espaço reflexivo onde os diferentes pontos de vista poderiam coexistir. Partimos desses encontros com as seguintes perguntas: Como cada pessoa articulou ou materializou sua resposta? A quem se direciona? Como re-verberaram no indivíduo/coletivo?

Ao criar instâncias e situações que evidenciam conflitos, diferenças e instabilidades procuramos socializar as propostas em diálogo com o conceito de escultura social de Joseph Beuys (1921-1986), que propõe uma arte enquanto pensamento e ação capaz de reestruturar a sociedade. Nela, todas as pessoas se tornam artistas, seres criativos que esculpem suas ideias e participam ativamente da vida coletiva.

Em junho-agosto de 2018 remontamos a “Exposição Coletiva de Ideias” no contexto da mostra comemorativa da Escola de Belas Artes no Palacete das Artes. Para a exposição “Fluxos Visuais de 1877” fizemos uma seleção das submissões destacando um recorte dos trabalhos em uma estação de trabalho<sup>1</sup>. A materialidade da instalação e a participação dos público deslocou o sentido da obra de arte, da autoria, e diluiu as distinções claras entre participantes, proponentes, curadores. A compilação das imagens em este segundo contexto, ganhou sua potência por meio do conjunto das folhas coladas e do contraste com os outros trabalhos expostos na mostra. Apesar de não se fundamentar em técnicas ou abordagens específicas, os temas e estratégias se situaram em um contexto espaço temporal. O que ficou depois das duas exposições? As ideias sobreviverão ao fluxo das imagens rápidas da Internet, a virtualidade das redes sociais, a efemeridade das exposições e dos encontros? Essas imagens geraram algum impacto? Sem saber as respostas a essas perguntas procuramos estender a temporalidade do processo iniciado no início de 2018. Será que as ideias resistem a alguma coisa?

Nesta publicação, criamos um registro da primeira exposição com enfoque nas imagens/ideias selecionadas; com ela, apostamos em uma outra instância de visibilidade, que pode dar continuidade aos processos de compilação, mediação e distribuição de ideias que iniciamos nos dois momentos anteriores. Neste sentido, convidamos as pessoas/os leitores a observarem e se posicionarem em relação aos temas, criar novas situações, trocar suas opiniões, elaborar novas estratégias de resistência, a serem artistas.

---

1 As seleções foram feitas inicialmente para esta publicação por uma pequena equipe.

# COMO RESISTIR? COMECE JUNTANDO IDEIAS!

Solange Valladão

Como parte das atividades para o Fórum Social Mundial, que aconteceu em Salvador em março de 2018, o coletivo Bem Comum fez uma chamada pública inédita: apresentar em uma folha A4, com qualquer expressão artística, em preto & branco, uma ideia sobre “Como resistir no mundo de hoje?” Folha A4 e p&b já lembra xerox, fácil reprodução, cópias livres, multiplicação à vontade.

Teria coisa mais coerente do que fazer isso com um universo tão diverso de ideias que se apresentariam? Ainda mais com participação aberta a pessoas de todas as partes do mundo?

E mais, o audacioso edital dizia que todas as ideias enviadas entrariam na exposição. Que desafio à criatividade dos participantes poderia ser maior que a liberdade para se lançarem em ideias inimagináveis, com a certeza de que seriam, ao menos, acolhidas e expostas, e isso como parte de um evento como o Fórum, onde o que mais se discutiria seriam ideias?

A exposição ficou surpreendente e ao mesmo tempo coerente com a proposta inicial. A montagem tinha uma diagramação solta, com a disposição livre das imagens e textos enviados. O colorido, em tons suaves de azul, verde, rosa e amarelo, trazia uma sensação aconchegante pelas combinações feitas entre as folhas de papel que foram suporte para a impressão, em tons de preto e branco, das imagens e textos que apresentavam as ideias. Estas, por sua vez, já começavam por nos receber desde a rua, no muro da escola, na fachada da casa onde fica a galeria, nas colunas que marcam sua entrada principal.

Ou elas saíram pelas ruas como lambes que eram? Poderiam também estar atrás de nós para que não as perdêssemos? Para que ao menos uma seguisse conosco? Seja como for, apenas seguiam os fluxos próprios das ideias, do que elas costumam fazer: entram e saem, tomam espaços, procuram aliados, se fixam, evoluem, se transformam, voam.

Logo ao entrar na exposição, fiquei surpresa ao identificar em uma das ideias expostas, a lembrança de um momento importante de nossa história. Em uma folha de papel amarela, tinha esse texto como resposta ao tema da exposição: “Animai-vos povo baiense que está para chegar o tempo feliz de nossa liberdade: o tempo em que

todos serão irmãos: o tempo em que todos seremos iguais.” Abaixo tinha escrito “A primeira revolução social do Brasil”.

A difusão de ideias é um elemento importante dentro do campo político de disputas sociais, econômicas, urbanas. Foi assim no Centro de Salvador em 1798, quando 12 boletins sediciosos surgiram, sendo 10 deles fixados em diversos pontos da cidade, apresentando seus objetivos, ideais e reivindicações, buscando sensibilizar o “povo baiano” e convocando sua adesão. A frase na exposição, está no início do primeiro desses boletins.

Achei genial trazer de volta a lembrança dessa primeira revolução, conhecida como a Revolta dos Búzios - também como Revolução dos Alfaiates e outros nomes, mas meu voto é que seja dos Búzios mesmo - como forma de atender ao chamado para uma exposição, pensada no contexto do Fórum Social Mundial. O edital de convocatória de ideias, apontava para as temáticas presentes na Carta de Princípios do Fórum que, entre outras coisas, falava da urgência de uma “globalização solidária”. Tema que vincula e atualiza o desejo de “sermos iguais”.

A grande maioria das ideias não tinha o nome do autor. Entendi esse anonimato como outro elo de coerência com a proposta de multiplicação livre das mesmas, demonstrado pelas pessoas que assim o fizeram. Na entrada da exposição estava o nome de todos que colaboraram. Ali, éramos todos colaboradores com a iniciativa e não autores das ideias. Isso é bem diferente e tem uma importância especial nesse momento de revisão crítica do que é mesmo um protagonismo, tirando da esfera individual, da assinatura autoral, da vaidade e se lançando no campo livre e coletivo do compartilhamento de ideias.

Das poucas ideias que tinha autoria, uma me chamou a atenção pela possibilidade real de agregar pessoas a uma determinada iniciativa que poderia ser melhor entendida acessando a autora. Poderia ser multiplicada, discutida, refletida e aperfeiçoada junto com a mesma, a partir das experiências já realizadas por esta, ou apenas copiando a ideia, abrindo ramificações, criando desdobramentos.

Este foi o caso da ideia “Sentar à porta” apresentada por Priscila Costa Oliveira. A frase que está em destaque na ideia foi a seguinte: “Parece mais urgente inventar ideias com os vizinhos de hoje do que entoar loas ao amanhã. E só. Mas é muito”. O autor da frase é o curador e crítico de arte francês, Nicolas Bourriaud. A proposta de Priscila é promover o diálogo entre vizinhos na rua, na calçada, retomando esse hábito que hoje está restrito às pequenas cidades ou às áreas populares, onde as ruas, travessas e becos, ainda são lugares de lazer e de trocas. Isso enquanto não se inibe este tipo de atividade com a chegada da urbanização voltada para os carros e a circulação em massa, que impacta restringindo ou inviabilizando, essa escala de troca de vizinhança no espaço público.

Minha ideia sobre esta, seria: como trazer essa troca para os corredores de circulação dos edifícios? Nos conjuntos habitacionais populares, é comum as pessoas ficarem com as portas dos apartamentos abertas, principalmente por causa do calor ou porque algumas crianças brincam nos corredores em tempos de chuva, ou apenas para que estas fiquem por perto da família, à vista dos responsáveis por elas.

Já morei em um lugar assim. Confesso que a minha porta ficava sempre fechada. Morando só e sem conhecer os vizinhos, me pareceu complicado. Em alguns momentos, como no meio da faxina em casa, na hora de pôr o lixo e coisas assim, eu deixava um pouco a porta aberta, para me mostrar mais social e trocar algumas palavras dessas que se troca educadamente com estranhos, mas nunca passou disso. Mas era bom. Ia somando uma empatia do tipo “aquela ali não é metida”. E as pessoas se aproximavam para falar quando eu passava, e vice e versa. Então, sem ter relações estreitas com meus vizinhos, tinha ao menos algumas trocas de palavras amigáveis que criavam um bom fluxo de convivência. Isso era bom.

Na exposição, muitas ideias conversavam entre si. Algumas se repetiam (eram reimpressas) em outros lugares. Algumas, postas lado a lado, se complementavam ou continuavam a falar sobre algo que surgiu em outra ideia. Ia da atenção e da sensibilidade de cada um de nós, fazer essas interpretações, que para mim foram um divertimento.

Os elos entre as ideias foram um bom sinal de como pessoas diferentes, sem conversarem entre si, sem combinarem, se aproximaram sob um tema comum que as atravessou. Pode ser porque já desconfiavam, já se engajavam em alguma trincheira, sabendo que há algo muito errado por aí, quando se chega a uma condição de extrema desigualdade social em todo mundo. Talvez por isso, se sentiram mobilizadas a pensar e a compartilhar ideias sobre como resistir. A desigualdade globalizada nos obriga ainda a um longo percurso para a “globalização solidária”.

Contudo, era bem difícil a pessoa sair da exposição sem ter suas próprias ideias ou motivações renovadas. Ou levando alguma nova ideia, por mais utópica que fosse. Ou com a mente reoxigenada e mais receptiva para a abertura de perspectivas que nos parecem hoje tão estreitas e distantes, sobre como resistir no mundo de hoje.

Tempos depois, para minha alegria, reencontro algumas das ideias em um novo contexto. Foi na remontagem da exposição com a mesma linguagem - agora com as ideias selecionadas por uma pequena equipe de seleção - dentro de uma outra exposição. Ao menos foi assim que considerei, ou assim que achei que ficaria mais inusitado: ideias sobre como resistir no mundo hoje, invadindo uma grande exposição. E não era qualquer uma, era a exposição comemorativa dos 140 da Escola de Belas Artes.



foto: Igor Carvalho

# ARTE PARA QUE?

Ines Linke

Em que momento estamos vivendo? Cinco anos depois das manifestações nas ruas de 2013, cinquenta anos depois das insurgências de maio de 1968, mais de um século depois da revolução russa, continuamos tentando compreender nosso lugar no mundo e imaginar perspectivas futuras em meio de crises sociais, políticas, econômicas, ecológicas. Observamos os desenvolvimentos de políticas nacionais autoritárias e a imposição de contextos hegemônicos, espaços lisos que ignoram as reivindicações que escapam da ordem hegemônica. Nos encontramos em um contexto onde as políticas neoliberais influenciam as mais diversas esferas da vida. Também no campo das artes, estamos passando uma crise ideológica. Como produzir arte no tempo de hoje? Para que fazer arte?

Em 1938, oitenta anos atrás, André Breton e Diego Rivera declaram a inadequação da arte e da ciência, frente uma situação na qual as “forças reacionárias armadas com toda a técnica moderna” ameaçam a civilização denunciando o fazer artístico que busca a apologia do prazer e perpetua os princípios das belas artes. O texto reivindica uma arte que se posiciona frente ao fascismo e aos regimes totalitários e a disciplina tradicionalmente dominada pela elite política e econômica em prol de um fazer artístico que afirma um compromisso com os direitos e a dignidade das pessoas. Uma prática engajada contra os aspectos insuportáveis da realidade presente, uma prática artística livre que aspira um mundo melhor. Segundo os autores, dar expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade implicaria um começo de resolução das contradições mais graves de sua época, um início de uma reconstrução da sociedade. Na exposição partiu-se da fórmula “toda licença em arte” reivindicada por André Breton e Diego Rivera no manifesto. Ao mesmo tempo em que foi lançada uma pergunta, não se delimitou os temas ou abordagens possibilitando uma ação que se relaciona com conteúdo social e individual, inclusive propostas de pessoas cuja voz é coberta por um discurso dominante.

Criamos uma plataforma aberta, um espaço para estimular a produção individual e reflexão coletiva para compreender a necessidade do presente. Criamos um espaço para uma ocupação coletiva. Em 1973, no contexto da 12ª Bienal de São Paulo com curadoria de Vilém Flusser, o argelino Fred Forest organizou uma manifestação com

placas em branco e criou uma inserção de um espaço branco na mídia impressa. As intervenções com os cartazes intituladas “O branco invade a cidade” e um anúncio em branco no jornal *Le monde* em 3 de outubro que recebeu o nome “140cm<sup>2</sup> de papel de jornal” estabeleceram espaços para serem preenchidos, solicitando a participação do espectador/leitor na construção dos significados. O público anônimo era convidado a projetar nestes espaços de comunicação, dentro das estruturas existentes, contribuindo com a discussão sobre meio e contexto social. A ação na rua consistia em sair pelo centro de São Paulo - do Largo do Arouche até a Praça da Sé - simulando uma passeata com mais de dez pessoas carregando cartazes em branco. Centenas de curiosos aderiram à “passeata”, bloqueando o trânsito por várias horas. Na época, o ato foi interpretado como subversivo.

Como resistir no mundo de hoje? Como resistimos no mundo de hoje? As produções artísticas, na maioria das vezes, dependem e alimentam as atuais estruturas das economias neoliberais. Instituições culturais são mantidas por bancos, e fundações e empresas (multi)nacionais financiam os eventos culturais que buscam atingir o maior número de pessoas.

Artistas competem entre si para atender as exigências dos editais, atrair os patrocinadores, ganhar visibilidade e participar do mundo internacional das artes. O sistema de artes é sustentado pelas estruturas políticas e econômicas existentes; no Brasil, em muitos casos a produção artística depende diretamente ou indiretamente das políticas culturais do Estado, em muitos casos por meio de editais de incentivo fiscal, que levam empresas a investir em artistas que contribuem com o marketing institucional. Hoje em dia, acreditamos em espaços em branco? Quais são os espaços possíveis para expandir a experiência e enfrentar os medos e tabus? A liberdade de construir e reconstruir o sentido de realidade (e a nós mesmos) é cada vez mais rara. Entretanto, o campo da arte ainda oferece espaços possíveis para pensar, incentivar, experimentar e criar modelos alternativos.

Na exposição, buscou-se criar um espaço aberto às diversas manifestações que expressam os descontentamentos e buscam táticas e estratégias para agir sobre o presente. As submissões foram compostas por diversos posicionamentos artísticos que se engajaram para demarcar a diferença e dar visibilidade a uma visão crítica do momento presente a partir da observação das diretrizes normativas e uma reflexão sobre o lugar da imagem. A exposição criou um conjunto de imagem que apresenta estratégias em face aos mais diversos assuntos; são imagens que se distinguem das narrativas da mídia local e da cultura do entretenimento denunciando as injustiças sociais, a heteronormatividade, o racismo institucionalizado, a crise ambiental, a estagnação política, o conservadorismo, o programa produtivista, o neoliberalismo e que se posicionam frente a realidade. Não se estabelece uma narrativa homogênea, mas se

forma uma mosaico de ideais e posicionamentos conflitantes que propõe formas de resistência e outras que visam a transformação do mundo.

Os trabalhos não se limitaram ao espaço da galeria ou a rua, mas como ideias eles extrapolaram sua existência física no espaço transitando pelos imaginários, estabelecendo vínculos afetivos, sociais e culturais. Como arte, as imagens se posicionaram em algum lugar entre urgência e inoperância, participando do espaço coletivo de ideias mesmo nos tempos difíceis de pensar em perspectivas futuras. Escolhemos o lambe, como um forma de comunicação que nos lembra as manifestações e protesto para discutir as formas de resistência em diálogo com o FSM formando um mural polifônico que dissolve as noções de autoria, identidade e nacionalidade.

O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro, da reflexão, do debate democrático de idéias, da formulação de propostas, da troca livre de experiências e da articulação para ações da sociedade civil e movimentos sociais.

Nesse contexto a exposição reúne as ideias, que se opõem ao neoliberalismo e a outras formas de opressão e convida para estabelecer possíveis ligações e perceber a coexistência de diversas posições, em um território da pluralidade, da diferença e do conflito onde as imagens formam um campo ao mesmo tempo pessoal e político. Ao observar as imagens, passamos por diversos estados, sensações, vontades e sentimentos, às vezes mais de um. A partir das ideias/imagens com seus temas e perspectivas, mudamos nossa percepção e nos transformamos. Ao lado de questões de raça, gênero, direitos civis, movimentos sociais, massacres, visibilidade dos corpos surgem outras pautas atuais que precisam ser evidenciadas, compartilhadas e discutidas. A Galeria tornou-se espaço de diálogo, lugar de encontro entre os grupos diversos que compõem a sociedade. Os workshops, visaram uma horizontalidade das relações, um ambiente de participação, um processo onde eram negociadas as diferenças e o capital simbólico.

Como falar do presente senão pela nossa percepção e vivência dos lugares ou pelas imagens que circulam no imaginário individual e coletivo? Objetos e situações na vida cotidiana produzem encontros e situações que desestabilizam o presente e criam constantes estados de fluxo - alguns mais evidentes e outros quase imperceptíveis. Muitas vezes, para dar sentido ao que vemos ao nosso redor, buscamos nos aproximar e criar associações entre as coisas que nos cercam, reorganizar as posições de proximidade e distância. Dessa forma percebemos que estamos longe de esgotar as possibilidades da arte. Arte, como ideia ou posicionamento artístico politicamente conotado é, ou continua sendo, acima de tudo necessário para chamar a atenção para condições do ser humano. E para criar instâncias de visibilidade sobre processos sócio/políticos, para criar e defender espaços públicos que garantem a liberdade de expressão. Cada nova ideia nos coloca a necessidade de reorganizar nossas percepções e a nós mesmos. Ou como diria Beuys: "A revolução somos nós".



# A PARTILHA DOS ABACATES

Gustavo Salgado Leal

Os caquis, logo quando descarregados nas barracas de frutas, chegam com a sua pele viçosa quase rompendo-se sobre a sua succulenta carne. Pele laranja-avermelhada; vermelho-alaranjada. Laranja e vermelho; vermelho ou laranja. Se não laranja: vermelho — ou, em acento lusitano: encarnado. Mas, talvez, os caquis tendam mais para o laranja.

Se as laranjas são laranjas, e as abóboras cor-de-abóbora, então talvez a cor dos caquis possa simplesmente ser caqui. Mas, sendo assim, seria uma cor especificamente oxítona: caqui. A transição da acentuação fonética, de oxítona para paroxítona, muda não apenas o tônus e o tom da fala, mas também o tom e a cor. Ou seja: caqui não é cáqui (a cor da calça; se é que há por destino algum de cor ser “cor de calça”).

Esta discussão sobre a cor dos ruivos caquis parece pertinente nessa rua, Araújo Pinho. Suas barracas de frutas, sejam improvisadas em caixotes de feira (ou o que estiver disponível; o que for possível; o que ocorrer), sejam institucionalizadas nas bancas de jornal (que mais vendem frutas que periódicos, embora vendam promocionais calhamaços de jornais para a higiene dos dejetos de animais domésticos), ficam nas proximidades de algumas das escolas de artes da UFBA.

Nos arredores do portão principal — portão esse que é, de fato, na prática, a grosso modo, a única entrada possível — da Escola de Belas Artes, há uma verdadeira feira. Da banca de jornal (e miscelâneas, como frutas) à direita de quem sai da EBA, até o ponto de ônibus quase em frente à Galeria Cañizares, encontra-se de tudo. Frutas, verduras e alimentos; mudas de plantas alimentícias e medicinais à decorativas e flores; livros usados. O sebo informal toma forma desde parte do chão da calçada até um pedaço da mureta e do gradil, essa espécie de membrana epidérmica, pele urbana que, se não delimita e limita, ao menos sugere fronteiras e zonas fronteiriças entre o interior e o exterior, o interno e o externo, e media os estranhos. A EBA está inscrita na rua; a rua circunscreve a Escola.

Voltando aos caquis, parece uma questão bem resolvida (ou não?) que eles se parecem com tomates (que também são frutas. E, embora haja até suco de tomate, parece um bom-senso-comum não os incluir na salada de frutas — ou não?). Parecem-se com os tomates, exceto quando esses estão verdes. Também parece uma questão bem resolvida que os tomates são vermelhos, assim como as maçãs — exceto quando essas são verdes. Mas, por fim (e, se não de fato por fim, ao menos por ora), parece

dispensável problematizar os tons encarnados de maçãs e tomates a partir de palavras próprias, como tomate e maçã. (Quando vermelhos, não quando verdes. Estado de exceção à parte.)

Estado de exceção à parte, por mais que possa parecer “discutir o sexo dos anjos”, refletir e preocupar-se (verbo reflexivo) com a maneira de nomear as coisas também é uma forma de tentar dar existência a algo. Talvez, para as pessoas em situação de rua na Araújo Pinho, pouco importa a cor dos caquis. Muito provavelmente, para os próprios caquis pouco importa se eles são laranjas, alaranjados, encarnados ou simplesmente caquis. Os caquis simplesmente o são, e não o sabem: para eles isso já basta. Assim como uma pedra não sabe que é uma pedra, nem uma brita do asfalto saiba que é uma brita e que faz parte de um coletivo: o asfalto. Às vezes, uma pedra é só uma pedra, e não há discurso nisso. Mas, para todas as outras vezes que uma pedra não é só uma pedra, geralmente há luta, embate e disputa material pela pedra.

Pedra perde para papel, ao menos em Pedra, Papel e Tesoura. O papel envelopa, embrulha, cobre e recobre a pedra. Inúmeros cartazes lambem os muros externos da EBA. Os papéis vencem a pedra, afinal. Na parede do muro, muro atrás do ponto de ônibus, cartazes fixados, posters rasgados, restos de lambes, adesivos de toda sorte. Finalizada a extensão desse muro, há um outro portão (secundário, e, de tão secundário, irrelevante. De tão sempre fechado, tapumes de toda sorte o cerram, encerrando, assim, toda sorte de expectativa de vê-lo gratuitamente aberto). Seguindo o caminho da calçada, sentido EBA - Largo do Campo Grande, após passado outro trecho de mureta e gradil, há outro portão. Agora, o qual permitiria o acesso direto à Galeria Cañizares (a Galeria da EBA e, também, da UFBA). Um cadeado morde a corrente e sela a impossibilidade de adentrar a Cañizares diretamente da rua; a hipotética possibilidade de, vindo-se da rua, adentrar o pequeno pátio que recepciona, com seus bancos de praça, a entrada da galeria. (Mas nem tudo é pura permanência: há resistências; emergências; insurgências.)

Do início para meados de março de 2018, era possível ver uma movimentação estranha para com essa galeria. Da rua, era possível ver pessoas carregando vasos de plantas pela EBA: deslocando-os dos jardins e espaços comuns da escola, e os realocando para dentro do espaço da galeria. Pessoas coletivamente colavam, sem pudor — o que era extraordinário! —, cartazes sobre as paredes externas da Cañizares. Cartazes em folhas coloridas, mas triviais, desses papéis sulfite A4 que se encontram até mesmo em armazéns e papelarias de bairro, em nada excepcionais. O extraordinário era que o excepcional, e revolucionário, partia justamente do ordinário, algo que poderia até mesmo ser lido como banal.

As folhas coloridas de papel vazaram e extravasaram pelas paredes externas da galeria; circundando, envolvendo e envelopando as colunas da entrada da Cañizares; se esparramando pelos muros do sítio e chegando às ruas. Nas ruas, um outro tipo de contato com essas folhas se fez possível; um outro tipo de leitura se estabeleceu.

Se o interior da galeria pode se configurar e ser legitimado como o espaço do habitué (embora muito esforço seja empenhado para se romper com essa hegemonia), a rua, por sua vez, é de quem vier, literalmente. Se, no interior da galeria, a leitura de uma sequência de folhas de papel ocorre da esquerda para a direita, como impõe a tradição ocidental, na rua, por sua vez, a leitura depende do sentido do trânsito de quem a percorre.

A pergunta, que inaugura e nomeia a exposição, “Como resistir no mundo de hoje?”, também estava impressa em um papel a envolver parte da coluna direita da entrada da Galeria Cañizares, folha essa de um verde-claro... Um verde-abacate?

Esse ponto de ônibus, em frente à Cañizares, também é parada do Buzufba, o ônibus da UFBA. E o roteiro de qualquer Buzufba inclui o campus de Ondina, o que implica passar, em algum momento, pela avenida Garibaldi. Em um dos cruzamentos da Garibaldi, algumas vendedoras ambulantes comercializavam abacates. Cada conjunto, com cerca de quatro abacates, tem como invólucro um típico tipo de rede de frutas (dessas ordinárias, em nada excepcionais). Um conjunto de mulheres apoiava os abacates no meio-fio da calçada. As frutas, aleatoriamente reunidas em uma espécie de sólido geométrico irregular, dessas mulheres encontravam-se em situação diametralmente oposta aos abacates de uma outra mulher. Isolada em seu canto e mais afastada das demais, seus abacates estavam estruturados em um tipo de pirâmide de base triangular (três abacates na base, em pé como pinos de boliche, e o quarto no topo) e igualmente envolvidos em uma rede. Essa forma de organização, aparentemente, facilitava o seu trabalho. Mesmo dividindo uma mesma geografia imediata (sem muros, divisas ou fronteiras separando-as), ainda assim, essas mulheres estavam distantes entre si.

Embora aquela cena se configurasse de modo semelhante ao cenário de uma feira, se perdia o seu essencial: processos de socialização. Os abacates em rede não promoviam uma “rede social”, um processo de troca, de partilha, de compartilhamento. Deixando essa antropologia estrutural dos abacates e voltando à Galeria Cañizares, algo que se destaca é a ideia da coletividade: exposição coletiva de ideias. Coletiva, sim. Outros artistas, integrantes do coletivo Bem Comum, também ajudaram a elaborar a organização da mostra, que subverteu muitas das vigentes estruturas hierárquicas que tecem a trama de uma exposição de arte.

Do lado de fora da galeria, fora dos portões trancados, na rua, um homem erra, aparentemente sem rumo. Erra aparentemente sem razão: erra porque erra. (E só). E, falando sozinho consigo mesmo, mexe nas grades da rua e seu mobiliário urbano, como uma criança que brinca. (De nada, só brinca). A maior parte das pessoas se afasta dele, esse espectro unheimlich, estranhamente familiar, e do seu cheiro. Suas roupas podres, sujas e encardidas, apresentam um já quase homogêneos tons terrosos. Des-calça cáqui.

Talvez uma exposição coletiva de ideias não resolva de pronto, as questões acerca de como, de fato, resistir no mundo de hoje. Mas, ainda assim, ocupar as ruas — disputar as ruas — hoje é um ato revolucionário. A disputa pela pedra; há disputa pela pedra. Tesoura; pedra; papel. Papel vence pedra. Poesia vence tesoura.

Então, como resistir no mundo de hoje? Talvez elaborar questionamentos (incomodar-se perante o mundo) seja o princípio da reelaboração de outros mundos possíveis.



## EXPERIMENTOS EM COMUM

Bruna Moreno, Cristina Llanos, Felipe Rezende, Ines Linke, Thays Lima

Como resistir a criar no mundo de hoje tendo todo um material artístico à sua frente, além de artistas a sua disposição para dar as orientações? Parece uma pergunta meramente retórica já que estamos falando sobre uma exposição de ideias. A exposição era um pretexto para um laboratório criativo comum, para um estar juntos, para dialogar sobre ideias a partir das contribuições que vinham de todo o mundo.

No interior da galeria criamos alguns espaços de convivência para serem usados livremente, e ali instalamos cubos de madeiras para sentar e plantas. Juntamos dois ou mais bancos, criando pequenos ambientes. Numa das salas colocamos duas mesas grandes com vinte banquinhos. Em um canto, uma estação de trabalho com materiais de desenho e uma impressora. Os cubos, bancos e assentos serviram como lugar de descanso e de contemplação; a sala com as mesas como ambiente para conversar, desenhar e participar de encontros/workshops.

Encontros, workshops e oficinas são atividades regulares do grupo Bem Comum, que acontecem sobretudo pela necessidade de se criar situações para abordar e discutir as questões e os temas de interesse do Bem Comum. Atividades coletivas resultaram em formas alternativas de comunicação como zines e lambe-lambes. Portanto, levamos esse nosso know-how para o ambiente da exposição. Os workshops durante o Fórum foram norteados pelo tema da exposição "Como resistir no mundo de hoje? Eles foram concebidos exatamente para ativar a exposição a para dar continuidade ao mural coletivo no espaço interno e externo.



Em cada um dos dias do Fórum Social Mundial nós nos encontrávamos com as pessoas inscritas em nossos workshops, para discutir e materializar novas respostas. Durante os encontros partimos das imagens/respostas expostas nas paredes da galeria estimulando o espectador visitante/participante para se posicionar e elaborar sua própria resposta em diálogo com as ideias expostas. As oficinas se aproveitaram do espaço discursivo/reflexivo da galeria para estabelecer um espaço participativo/colaborativo de produção.

No dia de inauguração, usamos os pedestais da galeria e os filtros de água para servir sucos de goiaba e manga. Numa das mesas da sala foram colocados caldos de abóbora e sururu e as tigelas. O público teve livre acesso às bebidas e comidas. Na outra mesa pessoas conversaram e produziram seus desenhos e textos de forma livre. Nos outros dias organizamos e realizamos workshops, encontros práticos com atividades orientadas para produzir trabalhos/respostas. Ao final de cada oficina, os resultados obtidos foram fotocopiados e transformados em lambe-lambes. Depois íamos às ruas para colar os trabalhos nas paredes e muros. Os originais eram levados pelos seus criadores; o que eram expostos no ambiente da galeria e na parte externa da escola eram as cópias.

No primeiro dia com o workshop “Palavra Gráfica” propomos trabalhar a partir de uma imagem/palavra. As letras deveriam ser espacializadas na página A4 a partir de stencils e colagens em diálogo com os poemas processos dos artistas neoconcretos. A palavra gráfica dos lambes criada a partir de técnicas do recorte, da repetição, da espacialidade, reinventam uma nova linguagem de comunicação visual que transformam e intensificam as palavras.

No segundo dia, o artista Felipe Rezende ministrou o workshop “Imagem e decalque”. Partimos de uma seleção de imagens de objetos culturais, de revistas e da exposição, para reutilizarmos em outros contextos. A oficina construiu lambes com temática sócio política através do decalque, utilizando papel vegetal e papel carbono. O intuito principal foi instrumentalizar os participantes com possibilidades de produzir desenhos sem necessariamente saber desenhar, assim como arte-finalizá-los. Decalcando de diversas fontes tais como revistas e jornais, o participante foi estimulado a trabalhar o processo criativo através da apropriação, do desvio e da reutilização de imagens e textos, visando a construção de novas composições e sentidos a partir de formas preexistentes e de sinais já emitidos.

No terceiro dia, o workshop “Colagem” ministrado por Bruna Moreno trabalhou a partir de imagens e textos que circulam nas mídias impressas e das imagens/respostas da convocatória. A proposta era apropriar-se dos códigos da cultura, das imagens e letras encontradas em jornais e revistas e colocá-los em funcionamento a partir de

um desvio de seu sentido original. Aprender a usar elas de outra maneira, tomar posse delas e habitá-las.

O workshop “Xilogravura Artesanal” ministrado por Thays Lima, propôs uma experimentação em matrizes de madeiras, coletadas em diferentes localidades da cidade. Pequenos pedaços de madeiras descartadas que se tornaram suportes para experimentações, imaginações e poesias. As particularidades dos desenhos talhados e as características da impressão artesanal trouxeram à tona vários universos individuais, diversas formas de resistências que se tornaram matrizes que foram reproduzidos em papel. As impressões e suas cópias, que foram coladas no espaço urbano criaram um conjunto expressivo de traços, manchas, cores e texturas impressos sobre papel que foram vistos na cidade ainda depois do final do evento.

Do primeiro ao último dia de Workshops na galeria tivemos uma frequência expressiva de participantes inscritos oriundos de várias localidades do Brasil e de outros países, de diversas faixas etárias e com diferentes engajamentos políticos / sociais. Este público heterogêneo, assim como curioso e interessado participou com ideias criativas em busca de respostas para a pergunta: “Como resistir ao mundo de hoje ?” É notório que o papel da arte como uma prática humana, na construção histórica, e no modo como vivemos e pensamos não é o de formular respostas, mas de estabelecer diálogos, conexões, críticas, elaborar outras e novas perguntas, que nunca terá autonomia para respondê-las. Um dos papéis da arte é o de fazer pensar. Qual(is) a(s) resposta(s) vocês dariam para essa pergunta?

SELEÇÃO

# DOSSIÊ DE IMAGENS



1. Agnes Cajaiba (Brasil)
2. Alfredo Mascarenhas (Brasil)
3. Aline Brune (Brasil)
4. Alma Gačanin (Bósnia)





## como controlar seu choro

apoie um espelho entre a parede e o chão  
sente-se em frente ao espelho

encontre uma posição confortável  
(coluna reta, ombros relaxados, pernas cruzadas)

relaxe os músculos da face

olhe seus olhos no reflexo do espelho  
seu olhar deve estar ao mesmo tempo  
concentrado e tranquilo

TENTE NÃO PISCAR

não desvie os olhos da própria imagem  
você está só com você mesma

perceba como seu olho fica cada vez mais  
vermelho e molhado

continue tentando não piscar e eventualmente  
verá uma lágrima se formar

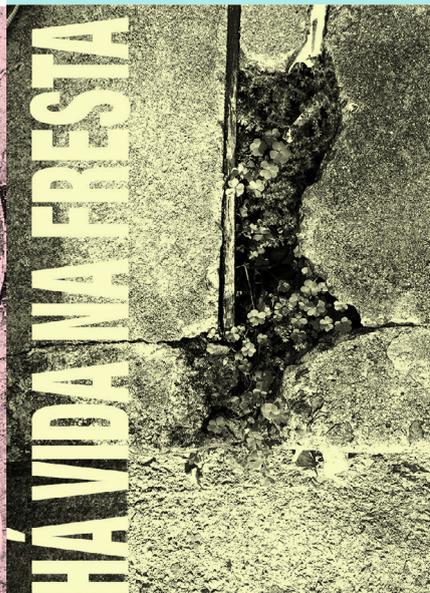
perceba um ponto de luz brilhante que a pequena  
lágrima é capaz de refletir  
FOQUE NESSA LUZ

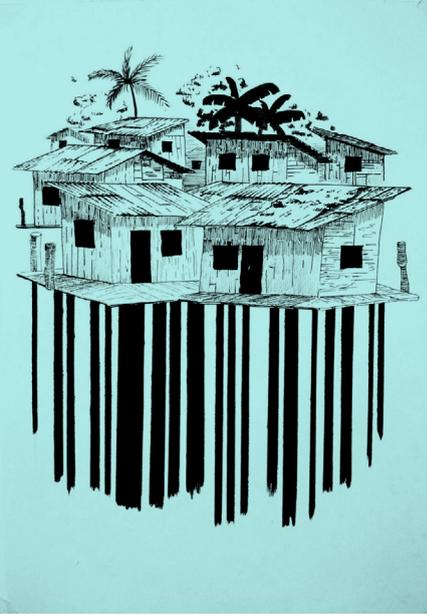
aguarde  
a lágrima irá escorrer em algum momento

sinta seu olho arder, seu rosto salgado  
você conseguiu sozinha

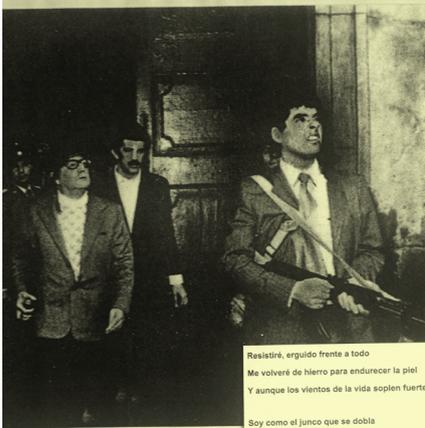
Andrea Pech, 2017.

1. Ana Luisa Santos (Brasil)
2. Andrea Pech (Brasil)
3. Artur Matuck (Brasil)
4. Berta de Oliveira Melo (Brasil)
5. Berta de Oliveira Melo (Brasil)





- 1. Bismarck Osbourne (Brasil)
- 2. Carlos Navarrete (Chile)
- 3. Cecilia Luján (Argentina)
- 4. Cecilia Luján (Argentina)
- 5. Chaze Matakala (Zâmbia/Canadá)



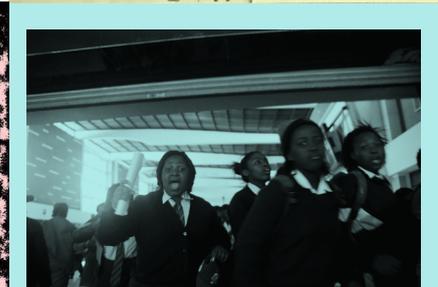
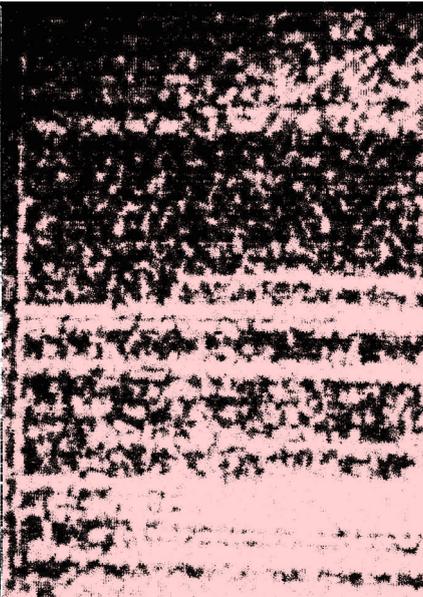
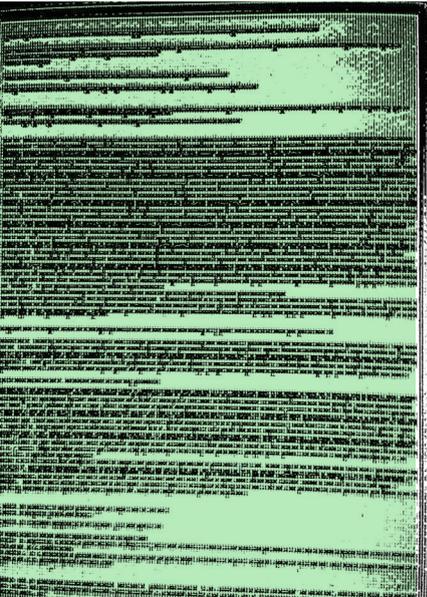
Resistiré, arguido frente a todo  
 Me volveré de hierro para endurecer la piel  
 Y aunque los vientos de la vida soplen fuerte

Soy como el junco que se dobla  
 Pero siempre sigue en pie  
 Resistiré, para seguir viviendo  
 Soportaré los golpes y jamás me rendiré  
 Y aunque los sueños se me rompan en pedruzcos

## 11. September

SANTIAGO (11. September 1973). Die chilenische Luftwaffe bombardiert den Präsidentenpalast La Moneda. Präsident Salvador Allende (links) Popularer sitzt in den Trümmern. Der Versuch eines demokratischen Sturz hat in Chile ist damit beendet. Nach dem Putsch rechtgerichteter Offiziere fallen Tausende dem Regime zum Opfer. Allende ist schon verewunden, wird gehen in 17 Jahren Diktatur. Dass hinter einem bedrohlich nun nach viel mehr soziale nur ein eitantes Ereignis. Sie jeden Tag aufs Neue

Resistiré, resistiré  
 Cuando el mundo pierda toda magia  
 Cuando mi enemigo sea yo  
 Cuando me apunfale la nostalgia  
 Y no reconozca ni mi voz



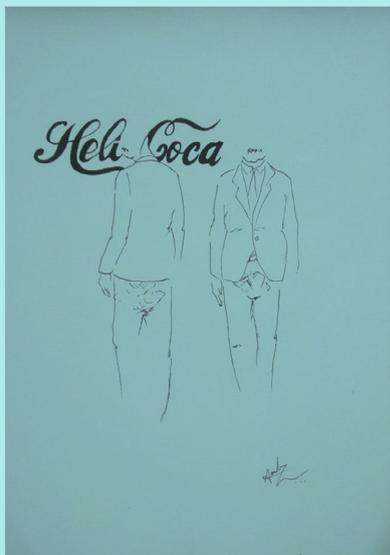


1. Cristina Damasceno (Brasil)
2. Daniela Moura (Brasil)
3. Denilson Santana (Brasil)
4. Felipe Rezende (Brasil)
5. Fernanda Antônia (Brasil)



1. Fernanda Martins (Brasil)
2. Francisco Lopes (Brasil)
3. Gabriel Bicho (Brasil)
4. Gabriel Bicho (Brasil)
5. Gio Adriana (Brasil)

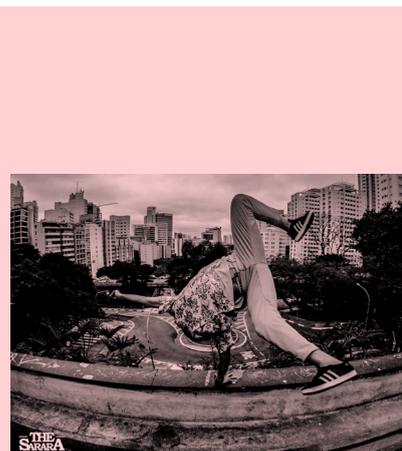




1. Giulia Dias (Brasil)
2. Giulia Dias (Brasil)
3. Guilherme Ambrozio (Brasil)
4. Higo Joseph (Brasil)
5. Juliano Ventura + Observatório-móvel (Brasil)
6. Laerte Rodrigues (Brasil)

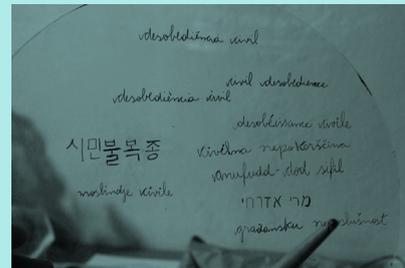


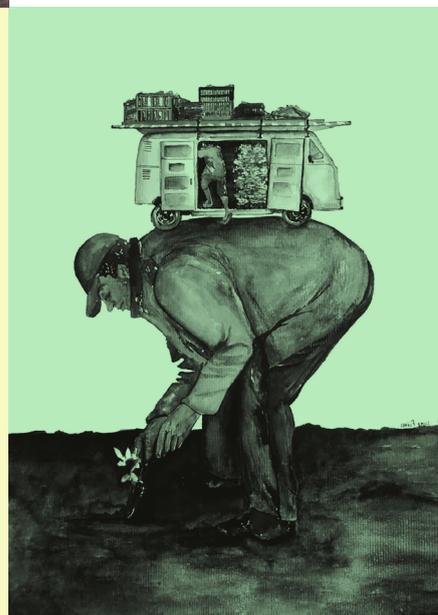
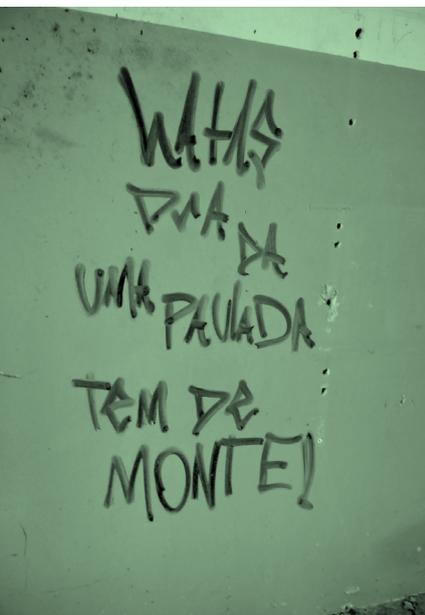
R E S  
S E L  
V A G  
I Z A  
C A O





1. Lambi Chabambo (África do Sul)
2. Layo Bulhão + Coletivo Residência 05 (Brasil)
3. Láz Camargo (Brasil)
4. Leandro Estevam (Brasil)
5. Leonardo Savaris (Brasil)
6. Leonardo Savaris (Brasil)





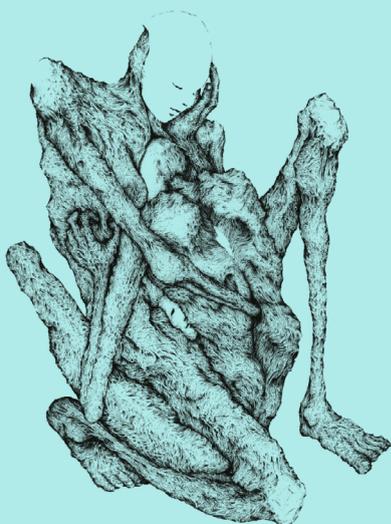
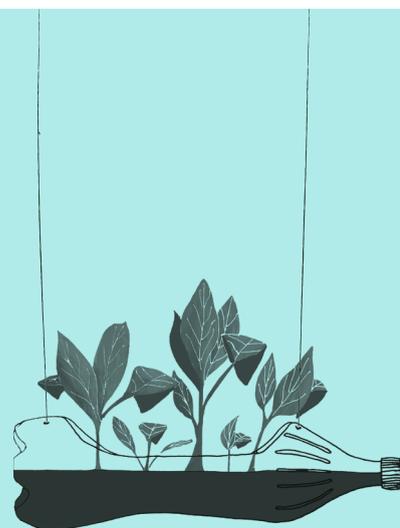
1. Letícia Lopes (Brasil)
2. Letícia Lopes (Brasil)
3. Lorena Virgone (Argentina)
4. Luma Flôres (Brasil)
5. Mar de Paula (Brasil)



resistir no mundo de hoje

trans<sup>+</sup>  
porte<sup>x</sup>  
coletivo<sup>÷</sup>

somar movimentos . multiplicar potências . dividir recursos



1. Mara Freire (Brasil)
2. Mara Freire (Brasil)
3. Maria Ferreira (Portugal)
4. Matheus Lins (Brasil)
5. Michel Degas (Brasil)



1. Natalie Mirêdia (Brasil)
2. Nathan Braga (Brasil)
3. Pablo-Martín Córdoba (Itália)
4. Péricles Mendes (Brasil)
5. Priscila Oliveira (Brasil)
6. Priscila Oliveira (Brasil)



2018

<http://contadocriarpriselivite.com/priscila-sentar-a-porta>

PRISCILA COSTA OLIVEIRA  
**SENTAR À PORTA**

PARCE MAIS URGENTE  
 INVENTAR RELAÇÕES POSSÍVEIS COM OS  
 VIZINHOS DE HOJE DO QUE ENTÃO LAMOS  
 AO AMANHÃ. E SÓ. MAS É MUITO\*.

Boinas 2009



Sentar à Porta na Cidreira do Galvão do Antônio CICO no Bairro Passa, Petrópolis, Foto: Natalia Lúthi

"O interlocutor pode ser o vizinho, aquele que não sabemos o nome, mas que se dormir se coloca ao nosso lado, separado apenas por uma parede de 20 cm. Quem sabe ao passar na mesma calçada e dar bom dia, renovação da nossa tão esquecida capacidade de ouvir, e de uma conversa sem objetivos e fins servidos". ATIVIDADES E SÍTIO A TRANSIÇÃO COTIDIANAMENTE.

Cecília Ruchtel e Helena Sacco

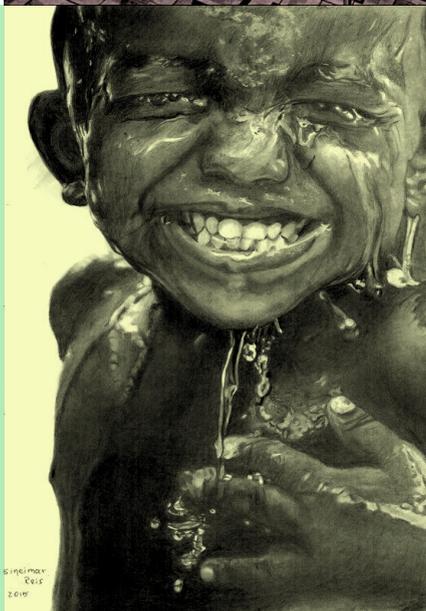
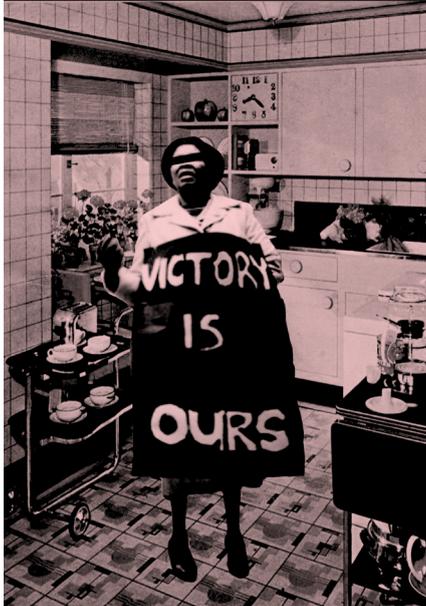
Só assim, o espaço público deixará de ser reflexo de uma política partidária que se baseia em interesses econômicos e não humanos. Entendendo que as calçadas podem ser uma arquitetura de discurso público, que far o povo pertencer ao lugar. Como exemplo, no bairro Penha-Porto Alegre/RS, as parcerias acabaram por se aglutinar em uma única causa e acabaram por debater o bairro, com suas histórias e mudanças. Não apenas foi a primeira oportunidade de comunicar com seus vizinhos, isso torna o espaço mais humano, criando lapsos afetivos entre moradores. E são essas relações que nos tornamos responsáveis às instituições, institucionais e ao território do estado. A proposição continua a buscar técnicas de autonomia pela fala, analisando e debatendo a conversa como prática artística.



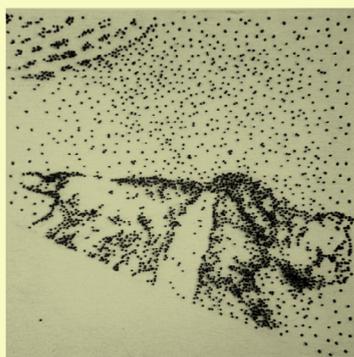
A falta de tempo, a migração e a arquitetura hostil dos cidadãos foram levando as pessoas cada vez mais para dentro de suas casas, atrás de suas portas e grades, transformando a cidade em um espaço unicamente de passagem. Para contrapor a isto, as ações do projeto "Sentar à Porta" se volta a escuta da fala pública, o exercício mais caro da democracia, onde é o cidadão quem pode falar. Para isto, é feito um convite pessoalmente, onde cada porta em porta convidando os moradores dos bairros a sentarem em frente a suas casas, pelo menos por 5 minutos.

O projeto busca discutir e ocupar o espaço urbano. Percebemos que as pessoas não conhecem mais seus vizinhos e é nisso que se baseia a apropriação de espaço, na relação entre as pessoas.

Área reservada à gratidão

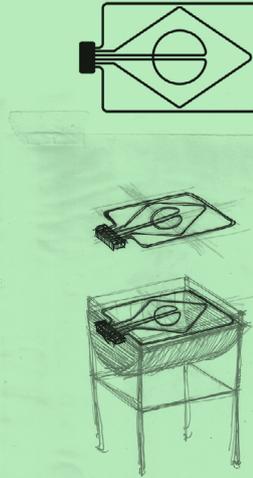


SINEIMAR REIS 2019



1. Rafaela Micheloni (Brasil)
2. Raoni Gondim (Brasil)
3. Renata Cytryn (Brasil)
4. Sineimar Reis (Brasil)
5. Sineimar Reis (Brasil)
6. Szabina Góré (Hungria)





1. Thiago Toes (Brasil)
2. Vinicius Vargas (Brasil)
3. Wesley Barba (Brasil)
4. Wesley Barba (Brasil)

# ARTISTAS PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO

Felipe Caires, Bismarck Almeida, Observatório-Móvel (Nara Milioli), Gabriel Bicho, Denilson Santana, Daniela Steele, Joel Carlos Carmo de Jesus, Wagner da Silva Barreto, Solange Valladão, Abdoul-Ganiou Dermani, Stéfani Trindade Agostini, Hugo Houayek, Gabriela Noujaim, Contente, Juliana Ochoa McCausland, Mohamed Lamine Kaba, Lautaro Fonseca Marziali, Amanda Café Matos Costa, Mar de Paula, Andrea Aguiar, Felipe Augusto Barreto Rangel, Zé Pimenta, Thales Francelino Gois Reis, Raoni Gondim, Eduardo Martins, Alma Gačanin, Renata Cytryn Alves Nascimento, Luisa Callegari, Szabina Góré, Michel Degas, Fatmagül Mutlu, Ana Luisa Santos, Leticia Lopes Rocha, Luan Bittencourt, Daniel Amaral, Bia Gonçalves, Guilherme Bergamini, Tiago Cruz, Thiago de Andrade Morandi, Luiz Ferreira, Weslei Barba, Mara Freire, Cláudia Laux, Igor Morales Dionisio, Sineimar Renato, Natã Ferreira, Cristina Llanos Cruz, Patrícia Francisco, Alessandra Vaghi, Massape (Adeildo Eugenio dos Santos), Carol Pimentel, Higo Joseph, Estela Lapponi, Layo Bulhão + Coletivo Residência 05, Roberta Camargo, Rodrigo Machado, Priscila Costa Oliveira, Fernando José Caldeira de Andrada, Manuela Costa Silva, Rosalvo Oliveira Filho, Nina Fountedakis, Nicolás Elifas Lima de Oliveira, Túlio Modesto, Camilo José Martín, Arô Ribeiro, Tarcísio Paniago, Alexandre de A. Mourão, Pedro Mendes, Raimundo Muniz Carvalho, Fiamma Viola, Gio Adriana, Natalie Mirêdia, Brólin, Rubens Passaro, Max de Souza Reis, Gabriel Bretas, Julina Carlo Fagotti, Katiane Maria dos Santos, Giovanni Bertoletti + Karina Zen, Jéssica Matos Barreto, Nildo Jeans Soares da Rocha, Valber Santos Silva (Di Salvatori), Talitha Andrade, Cecilia Luján, Yago Toscano, Berta de Oliveira Melo, Ana Luiza Rangel Silva, Pablo-Martín Córdoba, Letícia Miranda, Ana Miramar (Ana Luiza da Cunha Oliveira), Ana Carolina Pedrosa Pontes, Viga Gordilho, Milena Morvillo, Julia Andres, Aristides de Azevedo, Rafael Santos Câmara, Rodrigo Seixas, Eleni Tomadaki - Balomenou, Agnes Cajaiba Vianna, Marcos William Santos de Oliveira, Judith Karine Cavalcanti Santos, Marcelle Manacés, Ant Bastos, Marcela Avellaneda, Lorena Virgone, Francisco Lopes, Iacinto Rodrigues, Mirian Fabiola Guailaguaman Concha, Adriana Mosquera Sarmiento, Rafaela Micheloni, Reginaldo Luiz Cardoso, Taise Dourado, Pilar Rocha, Mirian Fabiola Guailaguaman Concha, Paula Lima (Sá Lima), Isabella Leite, Alzira Maria Fonseca Moura, Emanuela Boccia, Rebeca Teixeira,

Thiago Toes, Ingrid Erika Boer, Dani Meira, Carlos Navarrete, Marília Joelma Mottin, Diogo Juliana Suzana, Cabaio Spirito, Nadia Virginia Carneiro, Paula Aufran, Rômulo Henrique Santana, João Pedro Alencar Olivio, Samantha Nascimento da Silva, Artur Matuck, Guilherme Ambrozio Rodrigues, Rafael Duarte Oliveira Venancio, Markson Rangel Silva, Chaze Matakala, Lamb of Lemila (Lambi Chibambo), Fabiana Dias Bastos, Daniel Soto Araujo, José Paulon, Daniel Soto Araujo, Florido, Dilton Roberto Lopes dos Santos Júnior, Raquel Ribeiro Silva, Ágata Marcques, Péricles Mendes da Silva, Vinicius Duque Estrada, Alfredo Mascarenhas, Adriel Figuerêdo, Tarsila Goulart Mello Vianaa, May + Junix, Anna Behatriz de Azevedo + Hélio Tafner, Ynaê Cortez, Liz Under, Gustavo Pereira, Maria Ferreira, Alexinaldo Granela Borja, Nicolas Pablo Perrone, Wilma Farias Gois, Gabriel Oliveira, Bel Mattos, Iara Andrade de Oliveira, Maria Natalia Silva do Nascimento, Herik Wooleefer, Vanessa Obem, Daniela Fonseca Moura, Alzira Maria Fonseca Moura, Leonardo Savaris, Hanna Kowa, Fernanda Aiub, Leíner Hoki, Marcelo Rosa Campos, Roberta Nascimento, Jamille Fortunato, Renata Cruz, Andrea Pech, Fernanda Martins de Oliveira Correa, Carlos Pseudo, Cristina Damasceno, Hanna Rodrigues + George Varanese, Aline Silva + Júlia Stanciole, Luís da Paixão Silva de Jesus, Cecilia Cavaliere, Bruna Kuhn, Andréia Oliveira, Eder Muniz, Martha Malaquias da Silva, Caique Oliveira, Flavio Marzadro, Aryelle Almeida Silva, Bel Mattos, Natasha de Albuquerque, Matheus Bellini, Henrique Reism Leonardo Savaris, Virginia de Fátima de Oliveira e Silva, Aline Brune, Nayara Alves Felício, Luciane Miranda de Paula, Rodrigo Marques de Almeida, Joelma Felix Brandão, Totit Mariana (Mariana Felicio), Mabell Fontes, Giulia Dias, Isabela Seifarth, Gaspar, Rogério Suzart, Leandro Estevam, Rosa Bunchaft, PorcaFlor, Flávio dos Reis dos Santos, Zelinda dos Santos Barros, Nathan Braga, Ágatha Ursini de Moraes, Joesér Alvarez, Laz Camargo, Ludmila Britto, Daniela Goulart, Antonio José dos Santos Junior, Martha Benavides, Zandra Coelho de Miranda, Jardele Fagundes, Hugo Pontes, Vladimir Santos Oliveira, Matheus Silva Lins, Luma Flôres, Marcelo Delfino, Adriana Araujo, Juliana Lopes, Millena Moreira Fontes, Felipe Rezende, Abdoul-Ganiou Dermani, Jéssica Vesz, Majuí Mendes Tavares, Guilherme Pilarski, Fernanda Azou Lima, Igor Carvalho Barreto Pereira, Artur dos Santos Prudente, Fernanda Antônia da Silveira, Thiago Flores Madruga, Yohanna Marie, Matheus Folha, Miriam Lopes Belo, Beatriz Souza, Damião Bispo de Santana.

## **FICHA TÉCNICA**

Coordenação

Bem Comum EBA/UFBA

Organização

Bruna Moreno, Ines Linke, Thays Tyr, Tininha Llanos

Colaboração

Felipe Caires

Workshops

Bruna Moreno, Ines Linke, Thays Tyr, Tininha Llanos, Felipe Rezende

Design gráfico

Luma Flores

Comissão

Ines Linke, Lanussi Pasquali, Tininha Llanos, Uriel Bezerra

Montagem

Artur Prudente, Bruna Moreno, Felipe Rezende,

Ines Linke, Luma Flores, Matheus Lins

Edição de vídeo

Matheus Lins

Registros fotográficos

Renata Voss e Bem Comum

## **GALERIA CAÑIZARES**

Coordenadores da Galeria Cañizares

Ricardo Bezerra e Renata Voss

Servidora técnico-administrativa

Eliana Borges

Serviços gerais

Angela Souza Brito dos Santos

Pintor

Francisco Jesus dos Santos

Monitores

Adriana Sá, Damião Santana,

Deborah Rosa, Fernanda Leal, Lavínia Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Como resistir no mundo de hoje? [livro eletrônico] : exposição coletiva de ideias.  
1. ed. -- Salvador, BA : Ed. dos Autores,  
2022.  
PDF.

Vários autores.  
ISBN 978-65-00-57426-5

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos.

22-136851

CDD-700

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

